Contribuição do Exército para o Ensino no Ceará

Oswaldo de Oliveira Riedel

Considerações Gerais

Ao ensejo das comemorações do centenário da instalação da Escola Militar do Ceará (EMC) e dos setenta anos de criação do Colégio Militar do Ceará (CMC), respectivamente, nos dias primeiro de maio e primeiro de junho do ano em curso, é oportuno salientar a colaboração do Exército para o ensino em Terra cearense.

Antes, porém, de nos adentrarmos no âmago do assunto, seja-nos permitido traçar em rápidas pinceladas e do modo mais abrangente possível, a síntese histórica das atividades pedagógicas e didáticas no Ceará para podermos enquadrar, dentre estas últimas, o contributo do Exército nacional.

Não obstante datar de 1603 a primeira presença significativa do colonizador luso na Capitania do Ceará Grande teve início, somente em 1660, o povoamento desta pelo homem branco. Mas, desde as primeiras décadas do século XVII, os jesuítas já se encarregavam, além da catequese, de atividades do ensino das primeiras letras aos aborígenes. O alvará proibitivo, emanado no Além-Mar por sugestão do Marquês de Pombal, impedindo aos inacianos a prática, também, de atividades educacionais reduziu, no Ceará, a duas as escolas elementares: uma, em Caucaia, e, outra, no aldeiamento dos Paiacús, em Baturité.

A Carta Régia, de 6 de novembro de 1772, instituindo, em Lisboa, a Real Mesa Censora graças à qual, por intermédio dos **subsí-**

dios literários, eram mantidos os Mestres Régios poderia, nos brasileiros coevos mais otimistas, suscitar a esperança de melhores dias para a Colônia, no tocante ao ensino. Longe disto, e contrastando com as já então centenárias universidades na América hispânica, no Brasil Colonial, da segunda metade do século XVIII, o ensino não ultrapassaria o das primeiras letras, consubstanciado nos elementares ler, escrever e contar. Quem, naquela época, pretendesse ampliar seus estudos, seria obrigado a transpor o Atlântico para, na Metrópole, poder graduar-se em Direito, Medicina ou Ciências Naturais. Poucos foram, obviamente, esses privilegiados.

A mudança forçada da Casa Real portuguesa para o Brasil e a conseqüente criação, em 1815, do Reino Unido de Portugal, Brasil e Algarve, com sede no território brasileiro, tiveram como conseqüência, profunda modificação quanto à mentalidade das autoridades lusitanas relativamente às atividades educativas em nosso País. E, com o advento da Independência, consolidou-se a decisão de ser estabelecida, no Império, estrutura atualizada e racional do ensino público, tendo origem nas primeiras letras, prosseguindo nos colégios ou liceus, e culminando com os cursos superiores. Mas, a pressa foi tamanha a ponto de terem sido criadas e instaladas as Faculdades de Direito, em Olinda e São Paulo, e as de Medicina, na Bahia e no Rio de Janeiro, paradoxalmente, sem a existência oficial do elo intermediário entre o ensino elementar e o superior.

Por volta de 1827, procurava-se ampliar, timidamente, o ensino dito primário: à leitura, escrita e operações fundamentais da Aritmética eram acrescentadas a gramática da língua nacional, os princípios da moral cristã e a doutrina da religião católica apostólica romana, então oficial no Império.

Quatro anos depois cogitava o Governo provincial de subsidiar, em Fortaleza, as já existentes cadeiras de Filosofia racional, Retórica, Moral, Geometria e Francês, mais tarde instaladas, também, no Aracati e em Sobral. Nestas cidades e, ainda, no Icó, Quixeramobim e Crato já era lecionada, como iniciativa particular a Gramática Latina.

O padre José Martiniano de Alencar, presidente da Província, cogitava, em 1837, da criação da Escola Normal. Homem público de percuciente visão, este extraordinário administrador pretendia corrigir deficiência básica no ensino elementar: os preceptores de primeiras letras, desde os tempos coloniais, eram em sua grande maioria autodidatas, muitos deles incompetentes e alguns, até, semi-analfabetos, conforme testemunho da época. Lamentavelmente, porém, a intenção daquele preclaro presidente provincial não vingou. Como de hábito, em face da

exigüidade de verbas disponíveis. Em decorrência disto, a Escola Normal em Fortaleza seria instalada somente cinqüenta anos depois.

A dispersão dos professores de matérias de nível secundário seria obviada se fosse criado, por iniciativa oficial, curso pertinente aglutinando-os num só estabelecimento de ensino. A idéia amadureceu e, em 1845, seria instalado o Liceu do Ceará. Mas, cinqüenta e oito anos escoariam até ser fundado, em Fortaleza, o primeiro estabelecimento de ensino superior, em 1903, a Faculdade Livre de Direito do Ceará.

Seguiram-se a esta, em 1916, a Faculdade de Farmácia e Odontologia do Ceará; em 1918, a Escola de Agronomia do Ceará; em 1938, a Faculdade de Ciências Econômicas e, em 1948, a Faculdade de Medicina do Ceará. Eram, porém, compartimentos estanques, constituindo, portanto, na realidade, em seu conjunto, federação de estabelecimentos autônomos de ensino superior.

Somente em 1955, com a implantação da Universidade Federal do Ceará, foi criado o clima para a mentalidade universitária, hoje vigente.

A criação da Universidade de Fortaleza (UNIFOR), de iniciativa particular, a da Universidade Estadual do Ceará (UECE) bem como, depois, a das congêneres, em Sobral (Universidade do Vale do Acaraú – UVA), e no Crato (Universidade Regional do Cariri – URCA), além de quase uma vintena de Faculdades autônomas noutras cidades interioranas, como por exemplo, a Faculdade de Filosofia Dom Aureliano Mota, em Limoeiro do Norte, vieram completar o quadro do atual ensino superior no Ceará.

Se, no âmbito do ensino de segundo grau permanece imorredouramente vinculada ao Liceu do Ceará a respeitável e veneranda figura do Senador Pompeu, Tomás Pompeu de Sousa Brasil, também não se pode falar do ensino superior local sem o merecido e especial destaque de marcante personalidade: a do Professor Antônio Martins Filho, idealizador, criador, e primeiro Reitor da Universidade Federal do Ceará.

Nos estabelecimentos cearenses sob a égide militar, especificamente do Exército, o ensino se manteve, à exceção do ministrado no Centro de Preparação de Oficiais da Reserva (CPOR), em nível secundário ou, como dizemos hoje, no de segundo grau. Data de 1889 o primeiro deles, a Escola Militar do Ceará. Inicialmente prevista para funcionar com os cursos Preparatório e de Infantaria e Cavalaria, ficou restrita à atividade preparatória em virtude da reforma do ensino militar implantada no ano seguinte ao de sua criação. Por esta circunstância fortuita deixou de ser instalado em Fortaleza, faria agora cem anos,

seu primeiro curso de ensino militar superior.

Em 1894, o Liceu do Ceará cumpria programa de ensino equivalente ao do Colégio Pedro II, então rebatizado, pelo novel Governo republicano, para Ginásio Nacional. O curso compreendia, na época, sete anos letivos e o elenco das vinte e cinco disciplinas, escalonadas segundo critério filosófico positivista, incluía a Mecânica, a Biologia, a Sociologia, a Moral, além do Grego, Latim, Música, Ginástica e, mais ainda: evoluções militares e esgrima. Esta última era praticada nas universidades alemãs da época, sob o nome de **Mensur**, e a cicatriz na face, decorrente do ferimento pela ponta do florete, conferia ao estudante e, mais tarde, ao profissional liberal, singular destaque no meio social. No Brasil, não vingaria esse uso estapafúrdio, talvez por motivos culturais. O aluno do Liceu do Ceará, aprovado no fim do curso, receberia o título de Bacharel em Letras e Ciências.

Na Escola Militar do Ceará contemporânea o curso compreendia três anos letivos nos quais, além de Matemática, Línguas, Geografia e História, eram estudadas as Ciências Naturais. E, evidentemente, instrução militar, nela também incluída a esgrima. Terminado com proveito o curso, estaria o aluno apto para ingressar, como cadete, no então chamado Curso das Três Armas, findo o qual iniciaria sua carreira no oficialato do Exército.

Coincidentemente ou não, as criações e instalações de cursos de ensino militar, no Ceará, ocorreram em épocas de decisivos acontecimentos sócio-políticos no Mundo, repercutindo direta ou indiretamente em nosso País.

Assim, em 1889, quando foi criada a Escola Militar do Ceará, a expectativa da comemoração do primeiro centenário da Revolução Francesa acirrava a propaganda republicana no Brasil. E não seria certamente simples coincidência os patriarcas da República brasileira, alguns anos apos a Proclamação, terem considerado, inicialmente, de inspiração monarquista a heróica resistênca do sertanejo em Canudos, admitindo-a como versão local da insurreição contra-revolucionária francesa na Vendéia...

Pouco após o término da Primeira Grande Guerra, era criado o Colégio Militar do Ceará. Pela primeira vez na História, houvera combates aéreos e o emprego de submarinos, em larga escala. Ao contrário do ocorrido, em 1870, na guerra franco-prussiana, quando ainda tinham aplicação os princípios táticos das campanhas napoleônicas e eram usados, pelos franceses, canhões de bronze, a hecatombe de 1914-1918 imprimiu profundas alterações táticas e estratégicas na arte bélica. A metralhadora leve e o tanque de guerra, por exemplo, trans-

formaram em operação suicida as famosas cargas de Cavalaria, ainda decisivas na guerra da Criméia...

A instalação da Escola Preparatória de Fortaleza ocorreu durante a Segunda Grande Guerra quando os alemães, no dizer de Winston Churchill, experimentavam sua melhor hora – "their finest hour". Rommel avançava, ameaçadoramente, na África setentrional, em direção ao Egito. A bacia do Don, Sebastopol e o Cáucaso estavam cedendo ao vigoroso ataque germânico. Tinham sido postos a pique seis e meio milhões de toneladas de navios aliados. Quais as perspectivas para o Brasil, se os nazistas saíssem vitoriosos dessa guerra?

Quando foi criado o Colégio Militar de Fortaleza, os Estados Unidos da América e a União Soviética ingressavam na era espacial e, não obstante ainda fosse considerada utópica possível "guerra nas estrelas", essas duas superpotências se rivalizavam na corrida armamentista de foguetes com ogivas nucleares, os quais, se utilizados, aniquilariam a Humanidade e os demais seres vivos em seu próprio planeta.

Como às Forças Armadas compete a manutenção da ordem interna e a defesa do território nacional frente a agressões externas, é lícito admitir tivessem os acontecimentos mencionados acima, de certo modo influído na decisão de nossos dirigentes no sentido de serem estruturadas, com a criação daqueles estabelecimentos de ensino, as condições fundamentais, desde a juventude, para oportuna formação de profissionais militares dentro de perspectivas realísticas e condizentes com a evolução sócio-política do mundo contemporâneo.

Escola Militar do Ceará

A Escola Militar do Ceará foi criada pelo Decreto nº 10.117, de 1º de fevereiro de 1889, sendo Ministro da Guerra o civil Tomás José Coelho de Almeida, o qual, assim, pôde dar cumprimento à Lei de 24 de novembro de 1888, cuja finalidade fora a de criar dois estabelecimentos de ensino militar: um, a ser instalado no Ceará e outro, o atual Colégio Militar do Rio de Janeiro, na Corte.

Localizou-se essa Escola, inicialmente, na ala oeste do edifício hoje ocupado pelo Quartel General da 10ª Região Militar. Esta ala, fronteira ao Campo dos Mártires, hoje Passeio Público, fora assobradada, em 1882, e fazia parte do quartel do 11º Batalhão de Linha, o qual passou a ser alojado na ala oposta, também assobradada, e nas demais dependências, fortaleza inclusive. Em 1892, a Escola Militar passou para o casarão do Outeiro, onde permaneceu durante três anos

quando, novamente, ocupou as dependências primitivas no quartel do 11º Batalhão de Linha. Nova mudança ocorreu, em 1897, para o casarão do Outeiro, onde a Escola permaneceu até ser extinta **ex vi** da Lei nº 390, de 16 de dezembro do mesmo ano.

Seu primeiro Comandante foi o Tenente Coronel de Artilharia João Nepomuceno de Medeiros Mallet, depois General de Divisão e Ministro da Guerra, quando Campos Sales era Presidente da República.

As dezessete disciplinas do currículo eram distribuídas em três anos letivos. No 1º ano eram estudadas: Aritmética, Português, Francês e Geografia. No 2º ano: Álgebra, Português, Francês, História e Desenho livre. No 3º ano: Geometria, Inglês, Alemão e Noções de Ciências Naturais, desdobradas em Física, Química, Minerologia, Geologia, Botânica e Zoologia. Além do preparo intelectual, evidentemente, havia instrução militar, a cargo de Capitães de Infantaria, Cavalaria e Artilharia e de subalternos, Tenentes Mestres de Esgrima, de espada e florete, e de Ginástica e Natação.

Quanto aos professores civis, merecem destaque: o de Geografia, Dr. Tomás Pompeu de Sousa Brasil, filho do Senador Pompeu, homem de notório saber e, por isto e pela conduta ilibada, respeitado e temido pelos alunos. E o de História, Dr. Antônio Augusto de Vasconcelos, didata competente e probo o qual o Comandante, inicialmente, aceitou com restrições para depois, conhecendo-o melhor, distingui-lo com sua admiração e apreço.

Apesar da seriedade com a qual eram conduzidos o ensino e a instrução militar, houve campanha difamatória, provocando a vinda, a Fortaleza, do General João Vicente Leite de Castro, Comandante do 2º Distrito Militar, com sede no Recife. Depois de assistir a várias aulas e de aquilatar o nível alcançado pelos alunos na instrução militar, o General Leite de Castro reprovou a atitude de "alguns maus patriotas" por fazerem propaganda de descrédito e, até considerando, como "necessidade nacional", a extinção da Escola. "Podia assegurar a todos – concluiu o General – não ter observado nenhuma superioridade na instrução vigente nos outros estabelecimentos de ensino militar congêneres, no Rio de Janeiro e no Rio Grande do Sul, quando ali servira", comparativamente ao preparo por ele agora verificado, no Ceará.

Além das influências sócio-culturais, adiante referidas, a Escola Militar do Ceará teve expressiva atuação política. Primeiro, quando seus corpos docente e discente, unidos à oficialidade do 11º Batalhão de Linha e aos oficiais da Armada aqui destacados, aderiram, em 16 de novemvro de 1889, ao movimento revolucionário dirigido por Deo-

doro, Benjamin Constant, Rui Barbosa e Quintino Bocaiúva. Segundo, quando da deposição, em 23.11.1897, do General Clarindo de Queiróz, presidente do Estado.

Foram significativas as influências, no âmbito social e nas lides culturais, dos alunos da Escola Militar do Ceará. Os alunos, provenientes de todos os quadrantes do território nacional, participavam ativamente dos acontecimentos sociais da Fortaleza de então e, alguns deles, retornariam para aqui servirem ou para constituírem família. O aluno Eudoro Corrêa, rio-grandense do sul, matriculado em 1889 e, muitos anos depois, Comandante do Colégio Militar do Ceará, quando General de Brigada graduado e reformado, casou com moça cearense da tradicional família Brígido.

Quanto às atividades culturais, Rodrigues de Carvalho, referindo-se aos alunos da Escola Militar do Ceará, assinalou: "a convivência de alguns rapazes de talento foi, certamente, um bom estímulo para a mocidade cearense, tradicionalmente propensa a fundar jornais, fazer poesias e cultivar as letras, enfim". Crismou-os de "viçoso batalhão de intelectuais fardados" e deles destacou Ulisses Sarmento, Aníbal Teófilo, Alípio Bandeira, Álvaro Bomilcar e Eutíquio Galvão, e outros, fundadores e colaboradores das **Revista Primeiro de Maio** e da revista **Evoluir** e dos jornais **Silva Jardim** e **Atleta**, este último de parceria com a Fênix Caixeiral, por cuja direção acabou passando. Em maio de 1897, ocorreu, na Escola Militar da Praia Vermelha, no Rio de Janeiro, grave incidente do qual resultou o desligamento de mais de centena e meia de alunos, bem como a prisão de alguns oficiais, de quem aqueles tinham recebido irrestrito apoio. O Governo da República, em caráter preventivo, mandara transferir 50.000 cartuchos do fusil Mauser, dotação da Escola, para outra unidade do Rio Grande do Sul. Os cadetes e alguns oficiais, inconformados, protestaram. Teve isto, como conseqüência, os desligamentos e prisões acima referidas. Tão logo chegou a notícia a Fortaleza, os alunos da Escola Militar do Ceará, solidários com seus colegas, endereçaram ao General Carlos Machado Bittencourt, Ministro da Guerra, telegrama cujos termos o então aluno, mais tarde General, Miguel de Castro Ayres memorizou: "Alunos da Escola Militar do Ceará, solidários seus colegas protestam contra ato arbitrário Governo, desarmamento Escola Rio".

Resultou, esta atitude de flagrante e grave indisciplina, em extinção da Escola Militar do Ceará, na qual somente 43 alunos continuaram matriculados até o final daquele ano, sendo depois transferids para as congêneres no Rio de Janeiro e Rio Grande do Sul, onde puderam concluir os respectivos cursos.

Teve a Escola Militar do Ceará, destarte, a efêmera existência de oito anos, existência sem dúvida agitada sob o ponto de vista político mas, em compensação, fecunda se considerados os aspectos social e cultural.

Colégio Militar do Ceará

O Decreto nº 13.541, de 29 de janeiro de 1919, reorganizava o ensino militar e, consoante seu Artigo 8º, era criado, o Colégio Militar do Ceará. Mas este somente pôde ser instalado no dia 1º de junho do mesmo ano, com o efetivo de 90 alunos.

Localizou-se no mesmo casarão do Outeiro, onde em duas oportunidades estivera sediada a Escola Militar do Ceará. O primeiro Comandante, Tenente Coronel de Engenharia Marciano de Oliveira Ávila, logo em seguida à posse, deu início, no prédio, aos trabalhos de adaptação às novas exigências didáticas. Substituiu-o, em 1921, o Tenente Coronel de Engenharia Salvador Uchoa Cavalcante, do Magistério do Exército, porquanto era Catedrático da Escola Militar do Realengo. Dois anos depois assumia o Comando do Colégio o General de Brigada graduado, reformado, Eudoro Corrêa, permanecendo, nessa função, por pouco mais de treze anos ininterruptos. O último Comandante do Colégio foi o Coronel de Infantaria Alcebíades Dracon Barreto.

A gestão do General Eudoro não foi, apenas, a mais extensa até então. Sob sua profícua administração o Colégio Militar experimentou profundas e duradouras modificações. Desde o gradeamento do muro correspondente à Avenida Santos Dumont passando pelo estádio, então entre a fachada principal e o gradil externo e, transposto o pórtico de entrada, a Avenida Primeira de Junho, as demais avenidas internas e arruamento transversal, dois edifícios para alojamento dos alunos, os diversos pavilhões para a administração e ensino, o cassino de oficiais, os banheiros e sanitários para os alunos, o picadeiro, as baias, o ajardinamento e o plantio de árvores umbrosas, todas estas benfeitorias ainda hoje existem em sua quase totalidade, testemunhos da capacidade administrativa daquele Comandante.

Desde seu início, o Colégio admitira, por concurso professores militares e civis. A estes, mais tarde, foram acrescidos os contratados. Eram educadores de reconhecidos e proclamados méritos no magistério local aos quais os alunos deveram excelente formação intelectual. Contratados eram os bacharéis em Direito Benedito Augusto Carvalho dos Santos, Djacir Menezes e Mozart Pinto Damasceno, bem como os Professores Antônio Martinz de Aguiar e Silva e Mozart Solon. Contra-

tados, também, eram os engenheiros Alberto Sá e Antônio Santana Júnior, e os médicos Drs. José Leite Maranhão e Luís Costa.

Mas, paralelamente ao aprimoramento intelectual, eram os alunos obrigados ao exercício físico diário, sob controle médico e orientação de oficiais e sargentos especializados na Escola de Educação Física do Exército. E o fato da presença de oficiais de Infantaria, Cavalaria e Artilharia, dentre os instrutores, além de estarem, à disposição dos interessados, cavalos de montaria e de tração, e ainda canhões Nordenfeldt de 47 mm, motivava a opção antecipada dos alunos para quando, mais tarde, escolhessem definitivamente **sua** Arma na Escola Militar.

Havia, no Colégio, o **Grêmio Cívico e Literário**, dotado de biblioteca e onde era editada a revista **Pátria**, publicada duas ou três vezes durante o ano, na qual colaboravam alunos, professores e oficiais da administração. Era, essa revista, distribuída gratuitamente.

Concluindo com aproveitamento o 5º ano letivo, o aluno recebia o certificado de Humanidades e, tendo cursado o sexto ano, era-lhe conferido o título de Agrimensor. No sexto ano, eram estudadas as disciplinas: Revisão de Matemática, Física, Química, Filosofia, Agrimensura e Educação Moral e Cívica.

Das turmas do Colégio Militar, a de 1924 a 1930 foi a única a ter duração de sete anos letivos. E, portanto, a única a conferir, aos concludentes da sétima série, o Título de Agrimensor. Antes e depois dessa turma, os agrimensores recebiam seu certificado ao concluírem a sexta série.

A extinção do Colégio Militar do Ceará, ainda hoje não bem compreendida, ocorreu por Decreto datado de 23 de agosto de 1938. Mas, ainda a 17 de dezembro do mesmo ano eram, em solenidade realizada no próprio Colégio, entregues os certificados de Humanistas e de Agrimensores aos concludentes, respectivamente, do quinto e sexto ano letivos.

Escola Preparatória de Fortaleza

Por força do Decreto nº 4.006, de 9 de janeiro de 1942, foi criada a Escola Preparatória de Fortaleza, portanto, em plena vigência da 2ª Grande Guerra. Sua instalação ocorreu em 26 de março do mesmo ano e ficou localizada no mesmo prédio pouco antes ocupado, de 1939 a 1941, pelo Colégio Floriano e, antes deste, pelo Colégio Militar do Ceará e pela Escola Militar do Ceará. O Colégio Floriano era estabelecimento civil de ensino, nos moldes do Pedro II no Rio, e em sua efê-

mera existência foi seu único diretor João Marinho de Albuquerque Andrade, Tenente Coronel honorário e Professor de Desenho do extinto Colégio Militar do Ceará.

Foi o primeiro Comandante da Escola Preparatória de Fortaleza o então Coronel de Infantaria Mário Travassos, inteligência brilhante sob cujo comando a Escola alcançou o merecido prestígio do qual, desde início, começou a desfrutar na sociedade fortalezense. No Comando do Coronel de Infantaria José Ventura Pinto foi construído o alojamento na esquina das ruas Dª Leopoldina com Costa Barros e, na praça fronteira à Escola, foi instalado o Estádio General Eudoro. Em 1958, sob o Comando do Coronel de Infantaria Victor Hugo de Alencar Cabral, a fachada principal da Escola foi acrescida, em toda extensão, do pavimento superior dando, ao edifício, imponente aspecto. Da antiga fachada foi conservada a parte central para ser mantida a característica arquitetônica do tradicional portão das Armas dos estabelecimentos militares, ali sediados de 1910 aos dias atuais.

O currículo da Escola Preparatória de Fortaleza era destinado ao preparo intelectual dos alunos para ingresso direto na Escola Militar do Realengo e, de 1946 em diante, na Academia Militar de Agulhas Negras (AMAN).

Além de Línguas (Português, Francês, Inglês e Espanhol), de Matemática (Aritmética, Álgebra, Geometria e Trigonometria), Desenho, História e Geografia, eram lecionadas, com aulas práticas também, Física, Química e História Natural. Mas este currículo diferia, em alguns pormenores, do então vigente para o ciclo secundário lecionado em estabelecimentos civis. Destinava-se a ulterior desenvolvimento na Escola Militar, onde seriam focalizados aspectos específicos de interesse profissional.

A avaliação dos conhecimentos assimilados pelos alunos era controlada estatisticamente. Desvios significativos na curva de Gauss implicavam inquéritos didáticos nos quais tanto alunos, como os professores prestavam depoimento. Procurava a direção do ensino corrigir, destarte, distorções evitavéis. E houve, conseqüentemente, aprimoramento na ministração de aulas e, portanto, real proveito no aprendizado das matérias.

Sadios mental e fisicamente, os alunos da Escola Preparatória expandiam seu entusiasmo quando entoavam, em formatura diária, **"Para frente, custe o que custar"**, canção marcial cujos acordes, ritmados pela cadência da marcha, ecoavam vibrantemente no alpendrado ao longo da Avenida Primeiro de Junho.

Finda sua missão, foi essa Escola extinta, em 31 de dezembro

de 1961, pelo Decreto nº 166, de 17 de novembro do mesmo ano, cedendo lugar ao recém-criado Colégio Militar de Fortaleza.

Colégio Militar de Fortaleza

Criado, em 11 de novembro de 1961, e instalado, no primeiro dia de fevereiro do ano seguinte, o Colégio Militar de Fortaleza, em rigor, foi espécie de continuidade administrativa e educacional da Escola Preparatória de Fortaleza. A transição de um para outro, desses estabelecimentos de ensino militar, decorreu sem solução de continuidade: o Coronel de Infantaria Raimundo Teles Pinheiro era, simultaneamente, o último Comandante da Escola Preparatória, e o primeiro a assumir o Comando do Colégio Militar de Fortaleza. É seu atual Comandante o Coronel de Infantaria Nilo Guilherme da Silva.

Os professores da extinta Escola Preparatória constituíam, agora, o corpo docente do novo Colégio Militar e, com facilidade, readaptaram seus programas de ensino às recentes exigências curriculares do 1º grau maior e do 2º grau. Além isto, procuraram articular os programas de matérias básicas com os de outros, em parte delas dependentes. Como, por exemplo, noções de cálculo infinitesimal para utilização nas disciplinas de Física e de Química. O resultado dessa orientação foi positivo: para os concludentes, candidatos aos vestibulares, não havia necessidade da freqüência de "cursinhos", para lograrem classificação ótima nos diferentes cursos universitários das áreas de Humanidades e de Ciências. E, os optantes pela carreira militar, estavam em melhores condições frente às notórias dificuldades de adaptação na AMAN.

Importante inovação surgiu em data recente: serão doravante admitidas, também, meninas no efetivo dos Colégios Militares. A presença do elemento feminino nas Forças Armadas tornou-se imprescindível quando, na 2ª Grande Guerra, ficou comprovada sua eficiência na área logística e em outras funções, inclusive operacionais. No Brasil, já estão em plena atividade os Corpos Femininos da Aeronáutica, Marinha e Forças Terrestres.

Nos Colégios Militares da atualidade as meninas têm, portanto, iniciado seu aprendizado e, nele, há condições para serem observadas as alunas quanto à vocação e aptidões para se ajustarem às exigências inerentes ao desempenho do Corpo Feminino nas diversas áreas de sua atividade.

Outra inovação de grande relevância consistiu na criação da Escola Preparatória de Cadetes do Exército (EsPCEx), como elo de liga-

ção entre os Colégios Miitares e a Academia Militar das Agulhas Negras.

Os concludentes da 2ª série do 2º grau dos Colégios Militares de Manaus, Fortaleza, Brasília, Rio de Janeiro e Porto Alegre, bem como candidatos civis em idênticas condições, poderão candidatar-se à Escola Preparatória de Cadetes do Exército, em Campinas. Para tanto haverá concurso nacional para os civis e exames de suficiência para os dos Colégios Militares e, para todos, exames médico e físico. Matriculados na EsPCEx, nela cursarão o ano letivo correspondente à 3ª série do 2º grau e, concluída esta com aproveitamento e após aprovação nos exames médicos, psicológico e físico, estarão os alunos aptos a serem admitidos na AMAN para subsqüente formação profissional e início na carreira do oficialato no Exército.

Centro de Preparação de Oficiais da Reserva

Ficaria incompleta esta resenha se não fosse referida, dentre os estabelecimentos de ensino militar em Fortaleza, o Centro de Preparação de Oficiais da Reserva, mais conhecido pela sigla CPOR.

Em 3 de fevereiro de 1942, dois meses antes de ser instalada, em Fortaleza, a 3ª Brigada de Infantaria, vários estudantes das quatro faculdades então aqui existentes se movimentaram para ser criado, na Guarnição Militar, o CPOR.

Foram em parte atendidos: no ano seguinte começava a funcionar o Núcleo de Preparação de Oficiais de Reserva ou NPOR, anexo ao 23º Batalhão de Caçadores para fins de instrução militar. Mas, a partir de 22 de fevereiro de 1943, essas instruções já eram ministradas em imóvel próprio, construído no bairro de São Gerardo.

Com a instalação da 10ª Região Militar e posse de seu primeiro Comandante, o General de Brigada Gil Castelo Branco, em 3 de março de 1943, passou o NPOR, em 10 de agosto do mesmo ano, à categoria de CPOR do tipo IV, isto é, com os cursos de Infantaria e Intendência.

Em 25 de agosto de 1944, nessa Escola Superior de Ensino Militar, foram declarados Aspirantes 126 alunos integrantes da 1ª turma, dos quais, podemos destacar Godofredo de Castro Filho, Hesíodo Facó, João Hipólito Campos de Oliveira, José Bonifácio Câmara, Lauro Araújo Almeida, Mozart Soriano Aderaldo, Paulo Cabral de Araújo e Raimundo Valnir Cavalcante Chagas, oriundos das Faculdades de Direito e de Farmácia e Odontologia do Ceará e da Escola de Agronomia do Ceará.

Conclusão

Se levarmos na devida conta a singular situação geográfica de Fortaleza, admitimos não ser de admirar ter-se, na capital cearense, fixado o baricentro do ensino militar no setentrião brasileiro. Para esta cidade convergiram jovens não só do Nordeste, mas de outras regiões do País para, aqui, se beneficiarem da formação intelectual em nível secundário, paralelamente ao adestramento físico para a futura carreira militar.

A presença de alunos de outras Unidades da Federação, nos Estabelecimentos de Ensino Militar do Ceará foi, sem dúvida, estimulante para os alunos aqui nascidos no concernente ao convívio de sã camaradagem, irmanando-os como se pertencessem a uma grande família. Por outro lado, a rivalidade com alunos de estabelecimentos civis de ensino congêneres, principalmente, do Liceu do Ceará, era motivação para gregos e troianos se empenharem a fundo, no estudo de disciplinas ministradas, cá e lá, por professores comprovadamente capacitados e de invejável lastro cultural, cujas cátedras haviam sido conquistadas mediante concurso de títulos e provas.

Com o passar do tempo foram-se destacando os ex-alunos das Escolas e Colégios Militares cearenses quer na carreira militar, quer no âmbito político, quer nas profissões liberais, indústria e comércio.

Assim, no Exército, atingiram o generalato os cearenses Carlos Alberto Cunha Ribeiro, José Nogueira Paes, Tácito Theóphilo Gaspar de Oliveira, Oscar Jansen Barroso, Francisco Batista Torres de Melo e Haroldo Erichsen da Fonseca. Na Aeronáutica atingiram o posto de Brigadeiro, José Sampaio Macedo e Rutênio Carneiro da Cunha Ribeiro e, na Marinha, receberam patente de Almirante: George Cals de Oliveira, José Uzeda, Paulo Teófilo Gaspar de Oliveira e Wilson Acioli Ayres.

Na Política se distinguiram, como Ministros de Estado, Expedito Machado da Ponte e César Cals de Oliveira. Foram governadores do Ceará: Virgílio de Morais Fernandes Távora, César Cals de Oliveira e Adauto Bezerra, tendo anteriormente atuado na Câmara dos Deputados e no Senado. Francisco Humberto Ellery ocupou o cargo de vice-governador do Ceará, e Acrísio Moreira da Rocha, o de Prefeito de Fortaleza.

Nas profissões liberais exerceram suas atividades os bacharéis em Direito Hugo Magalhães Porto, Narcélio Queiróz e Nilo Carleial, os engenheiros Abel Ribeiro Filho, Amauri Castro e Silva, José Helito Gondim Pamplona e Walter Bezerra de Sá, e na Medicina, Augusto

Hyder Correia Lima, Eldayr dos Santos Sátiro, Francisco Aluísio Pinheiro, Germano Fabrício Riquet Nogueira, João Estanislau Façanha, José Carlos da Costa Ribeiro, José de Pontes Neto, Pedro de Morais Borges, João de Milulo Castelar Montenegro e Venceslau Soares Neto.

Na Indústria e Comércio pontificaram Tomás Pompeu de Sousa Brasil Neto e Raimundo de Oliveira Filho.

Nestas citações onomásticas houve involuntárias omissões. Mas, a lista completa, por demasiado extensa se fora aqui apresentada, fugiria aos propósitos desta exposição. A título de curiosidade, serão citados, a seguir, os sócios do Instituto Histórico, Geográfico e Antropológico do Ceará tendo exercido atividade didática nos diferentes estabelecimentos de ensino militar em Fortaleza, bem como os sócios, deles egressos como alunos.

Lecionaram: na **Escola Militar do Ceará** os Drs. Antônio Augusto Vasconcelos, Joaquim de Oliveira Catunda e Tomás Pompeu de Sousa Brasil; no **Colégio Militar do Ceará** Antônio Martinz de Aguiar e Silva, Djacir Menezes, Misael Gomes da Silva e Valdemar Cromwell do Rego Falcão; no **Colégio Militar do Ceará** e **Escola Preparatória de Fortaleza** Dr. Carlos Studart Filho e, no **Colégio Militar do Ceará, Escola Preparatória de Fortaleza** e **Colégio Militar de Fortaleza**, o autor destas linhas.

Foram alunos: da **Escola Militar do Ceará** o sócio Álvaro Bomilcar da Cunha; do **Colégio Militar do Ceará** os Generais Tácito Theóphilo Gaspar de Oliveira e Raimundo Teles Pinheiro e os Coronéis José Aurélio Saraiva Câmara e Paulo Ayrton Araújo, este último também aluno da **Escola Preparatória de Fortaleza**; do **Centro de Preparação de Oficiais da Reserva** os Drs. João Hipólito Campos de Oliveira e Mozart Soriano Aderaldo, atual Presidente do Instituto Histórico, Geográfico e Antropológico do Ceará.

Do exposto é lícito concluir: o Exército, mercê de seu ensino, dotado de características pecualiares e inconfundíveis, deixou durante sua atuação centenária a indelével marca de sua presença também aqui no Ceará, notório berço de inteligências privilegiadas.

Referências Bibliográficas

Alves, J. – "O ensino primário na primeira metade do século XX". **Rev. Inst. Ceará. 68**(68):128-142, 1954.

Bandecchi, B.; Arroyo, L; Rosa, U. e Costa, J.R. – **Dicionário de História do Brasil – Moral e Civismo**. São Paulo, Edição Melhoramentos, 1973, 4ª ed.

Barreira, D. – **História da Literatura Cearense.** Fortaleza, Editora Instituto do Ceará, Ltda, 1948.

Câmara, J.A.S. – "Um aspecto da tradição militar cearense. Os estabelecimentos militares de ensino em Fortaleza". **Rev. Inst. Ceará 73**(73):104-167, 1959.

Castelo, P.A. – **História do Ensino no Ceará.** Fortaleza, Departamento de Imprensa Oficial, 1970.

Gomes, M. – "Esboço histórico". **Rev. Inst. Ceará 59**(59):146-149, 1945.

Martins Fº, A. – Três fases da Educação no Ceará. **Rev. Inst. Ceará 99**(99):7-14, 1985.

Meira, A.G. – **O Centenário da Escola Militar do Ceará (1889-1989).** Rio de Janeiro, 1989.

Menezes, A.B. de – "Descrição da cidade de Fortaleza". **Rev. Inst. Ceará 9**(9):147-290, 1895.

Menezes, D.L. – "A Educação no Ceará" in Girão, R. e Martins, Fº, A. **O Ceará.** Fortaleza, Editora Fortaleza, 1939.

Oliveira, J.H.C. de – "O C.P.O.R. do meu tempo". **Rev. Inst. Ceará 69**(69):182-186, 1969.

Souza, E. de – **História Militar do Ceará.** Fortaleza, Editora Instituto do Ceará Ltda, 1950.

Studart, G. – **Datas e Factos para História do Ceará.** Fortaleza, Typographia Studart, 1896. 2º vol.

_____ – **Datas e Factos para a História do Ceará.** Fortaleza, Typographia Studart, 1896.

_____ – **Datas e Factos para a História do Ceará.** Fortaleza, Typographia Commercial, 1924.

Vasconcelos, A. – **Perfil de Educador.** Rio de Janeiro, Gráfica Editora Aurora Ltda, 1955.